

AFLUENTES DE LIBERDADE



POESIA/2



EDIÇÕES MILHO REI



34.3-1A/Z

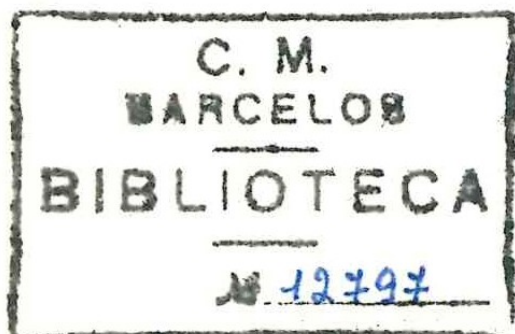
**AFLUENTES
DE
LIBERDADE**

Impresso em Dezembro de 1983 nas oficinas gráficas
da Companhia Editora do Minho — BARCELOS

AFLUENTES DE LIBERDADE

COLECTÂNEA DE: Sérgio C. Andrade
Francisco Duarte
Alberto Gomes
Augusto Lemos
João J. S. Miranda
Jorge da Silva Oliveira
Fernando Pinheiro
Assis R. Tomé

POESIA/2



EDIÇÕES MILHO REI

Barcelos
Perm.

Capa e arranjo gráfico de

MANUEL JOSÉ F. PEREIRA E MÁRIO PIMENTA

Pedidos a

Departamento de Edições Milho Rei,
Cooperativa Popular de Informação e Cultura de Barcelos,
S.C.A.R.L.

Rua D. Diogo Pinheiro, 13
4750 BARCELOS

PERCURSOS

**À Teresa
intimamente**

Sérgio C. Andrade

**É por um outro incompreensível
poema
que escrevo**

António Ramos Rosa

Uma noite assim, branca e húmida
o imenso ruído de rodas largas
sobre os campos
sobre os vales
pairando.

Uma noite assim
como um corpo deitado
na página escura desta hora,
esta imagem entrecortada,
rápida e nítida como a memória
— deslizar de gestos, lugares.

Uma noite assim, neste comboio lento.
— o meu corpo pelo tempo dentro.

Rolar longas estradas, caminhos, imagens
o tempo a repetir-se, repetir-se
até perder-se
como uma larga sensação de corpo deitado
...E a última paragem
— Um lugar a construir-se
dos olhos velhos, cansados
e subitamente brancos.
Uma pequena cidade estendida ao sol
(o vento, as casas, as pedras...)
ou apenas um outro lugar
para libertar o corpo
a este simples ou fundo olhar
longamente
a repetir-se, a perder-se.

É talvez Verão. Os dias inquietos
os olhos lentos. Que miragem
ou rápida fuga,
no mar incolor das estradas.

E subitamente a tarde opaca:
«a loucura fácil dos vocábulos?»
ou só a ausência,
a figura dramática da ausência...
ou Deserto.

Sou um sangue distante
salpicando os lugares de viagem,
coração de mim mesmo —
e o coração faz-se casa, alia-se
à casa
e constrói um corpo:
uma cama, uma mulher —
tecidos íntimos do regresso
(voltar indefinidamente para que seja bom!)
e o corpo de novo sentado:
as costas com a parede,
pulsar frio e logo quente, como sangue
de mulher.

O silêncio emerge dos ruídos
mais longínquos.

Ficamos então calmos e levemente
acompanhados. Não precisamos
de imagens novas. Tudo é suficiente:
o sabor do café, um relógio parado,
o ruído distante de um automóvel...

Quando me descobrirem, eu
permanecerei sentado. Mas
responderei a todas as perguntas,
olhando lentamente as páginas
dum jornal aberto.

Perceberão então as minhas mãos.
E ir-se-ão.

Toco-te. Traduzo a distância
entre o corpo e a pressa.
Reduzo a sombra a uma praia ausente
de ecos impossíveis.
O longe de que falo
é carne rasgada às entranhas
dum qualquer abismo agora.
As folhas estão secas. Calco-as
numa melodia de tarde e
a terra prolonga-se dois passos
à minha frente — o espaço suficiente
de possuir-te — neste poema
A vertigem a tocar-te.

Teus olhos ou os seios mais límpidos,
chão perfeito para meu corpo cansado
a desfalecer sobre a erva.

Dentro de ti corre um leito
de folhas húmidas sobre a terra a água
como um ninho dissolvente... Onde estou?
Que margens são as minhas, as tuas...
ou um sulco com que o chão nos fere
de silêncio

de murmúrio sobre as folhas
caídas do mesmo grito.

Eu ou Tu — ou só a terra do poema.

Abre-se a praia com um arco ao cair da tarde.
Que margens são essas que passamos juntos?
São riscos abertos sobre a areia
ou apenas terra

a terra quente do deserto?...
Que deserto é possível junto ao mar?...

A água é um desejo infinito
A mergulhar à superfície de qualquer corpo.
Mas todos os corpos são gritos de silêncio

Anarquia de sentidos
nem margens,

Os braços são apenas músculos de dentro
cavalo a galope sobre as areias de Outono
— o bafo quente e húmido do desejo

Onde fica o mar que não seja o
meu corpo todo...

De corpo rente à terra,
pesado,
e subitamente leve.

Os olhos a perder-se
no ar quente da estrada
— miragem tão longa e
tão próxima.

O corpo treme,
Vou-me com os lagartos.

Já não escreve poemas nem pergunta às pessoas o seu nome. Ele próprio, visto estar destinado à inteira perdição, vai perdendo o nome pelo país adiante.»

Herberto Helder

Sou um professor sentado no espaço exíguo do meu destino. É como se todos os caminhos viessem dar a este lugar redondo, cinzento de todos os lados...

Um velho oferece-me da sua garrafa de aguardente retirada do interior do casaco. Aceito sem agradecer.

— Esqueci-me do tabaco no outro banco. Disse ele. Todos os velhos são homens sentados em bancos verdes pela vida adiante... Alguns também foram professores.

Eu não fumo, nem tenho tabaco. Talvez ele já o tenha descoberto...

— Este lugar é agradável. Vê-se em todas as direcções — disse eu depois de um segundo gole de aguardente. Ele levantou o braço prolongado pelo indicador, na direcção duma mulher sentada na relva a folhear uma revista. Descobri então que a sua barba tinha a cor do passado.

— Eu não quero ter culpa.!

A mulher ouviu com certeza o meu grito e voltou-se suavemente para o mar.

Todas as mulheres de vestido azul sonharam com um jardim e usaram um cravo no peito da sua infância. Esta vestia calças levemente femininas no espaço líquido entre as coxas. Pensei em tudo aquilo que um homem e uma mulher podem fazer em volta da palavra desejo.

— Também eu fiz declarações de amor — disse o velho por entre mais um gole de aguardente — E amei as declarações que fiz...

O mar é a mais perigosa das aparências. Pode-se estar mais de três dias seguidos cercado de mar por todos os lados sem se dar por isso.

O velho participava mentalmente destas minhas intuições marítimas, misto de leitura poética e contemplação adormecida nas longas tardes de Outono. Via-o claramente na forma como agarrava febrilmente na garrafa. Desta vez não me ofereceu mas era a posição estática da mulher que mais me fascinava naquele momento. A revista, caída no chão, deixava-se folhear irregularmente pelo vento que nos envolvia num estranho vínculo de cumplicidade cósmica.

Esta sensação era talvez favorecida pelo número três, e pelo seu correspondente geométrico, que nós constituíamos. Pois é conhecida a importância e constância do três nos panteons da história e das religiões.

— Eu não tenho culpa. Não quero salvar o mundo — Voltei a gritar. Mas era apenas uma sóbria manifestação de medo que se adivinhava no meu rosto seco. (Isto dir-me-ia

mais tarde a mulher nas únicas palavras que lhe ouvi). O velho tinha voltado às recordações do amor declarado nos passos dos jardins nos tempos em que já uma leve impressão o fazia pressentir predestinado para o desespero.

— Todas as palavras reflectem o nosso amor por elas mesmas. É este o único privilégio do homem.

Esta afirmação feita por entre uma voz quase imperceptível não fez modificar a posição da mulher (de quem nunca consegui ver o rosto) e então vi que entre ela e o mar havia uma relação¹ do máximo erotismo da qual a espuma deixada pelas vagas aos seus pés podiam ser um vago indício. No entanto, tudo isto pode ser apenas a consequência duma combinação de aguardente e cinzento da qual me começava a sentir possuído.

Nesse momento várias imagens deslizaram nos meus olhos, duma nitidez inicial a uma progressiva difusão de cores que identifiquei de imediato com o mar mais longínquo. (Talvez estivesse aqui a explicação da tendência histórica dos portugueses para os naufrágios épicos...).

Quando regressei com os olhos à praia, o corpo da mulher transformara-se numa estátua de mármore sem rosto e com os braços cobertos de musgo. A revista estava dissolvida na areia molhada e o velho era uma sombra a deslizar lentamente pelo mar dentro.

Tudo isto aconteceu demasiado depressa

sem que eu tivesse tempo de pronunciar alguma palavra de espanto. Ao meu lado a garrafa de aguardente restava tombada sobre o banco e algumas gotas caíam sobre as sandálias abandonadas pelo velho. Peguei nela, bebi-a dum trago e cambaleei lentamente até à sala de aula onde fiquei numa espera longa pela chegada do primeiro discípulo.

Sérgio C. Andrade

TEMPO DO SILÊNCIO

Francisco Duarte

1880

1881

só
desnudo
fulguroso
terno
incapaz
sobrado do dia
num lugar imenso
de água e silêncio

tenho sempre medo de ti
silêncio multicolor
facetado pela avidez de mim

energia que o sol
transfere

nenhuma aventura
melhor que a do silêncio
pisando o tempo
momento a momento
numa demora sem fim

palavra a palavra
silêncio a silêncio
escrevo
a nudez do tempo
e de mim

escrever no silêncio da manhã
soletrando palavras esquecidas
pela transparência da memória
crescer para o dia novo
na solidão do poeta
fechar os olhos
e caminhar no inverso
das montanhas
arar a terra
de dentro de nós
onde florescem orquídeas
em cada primavera de cada Verão
abrir o coração
sentir o chão
e sonhar da boca
o pão

TEMPO DA VIDA

que liberdade é esta
a de estar por dentro das coisas?

amanhecia
e o sangue
corria-nos
nas veias
com a força
do mar

quando a luz
te desbravar
a placidez do corpo
sonharei com o Demónio

Para alguém de Abril

Entardeceram
nos umbrais da aurora
as memórias do teu rosto
Abril...
Nunca mais soprou o vento
depois
de Novembro
a vida
petrificou-se na inconstância
do rio...
não mais navegaram
o teu sorriso
de florestas virgens

Hoje
passeio atónito
na neblina
das montanhas

fluir no tempo
na inércia da aventura
sonhar parado
no caminho em movimento
vir à estrada
e saber oscilar no horizonte
ser a terra
o mar
o sol
e a boca
cantar poema aberto
esperança viva
olhar o homem disperso
e cantá-lo
com a herança do ventre

reinvento-me
e não passo da superfície
deste mar austero

nos flancos do dia
arde o inatingível
torno a inventar

(o desfraldar das areias
vai-se consumindo
até que o sol nasça)

«INDÍCIOS DE MAR E SILÊNCIO»

A Ana C.

Alberto Gomes



«indícios de mar»

sabe-me a mar a lágrima e o silêncio
e a sal o sonho e o corpo a invento
ou apenas a mar me sabe o que sinto
neste lugar de memória e de poema em barco

Barcelos/1983

parto ao amanhecer do silêncio
quando o vento sopra de sonho o infinito
para onde parto na urgência da viagem
na longa estação dos sentidos

ó timoneiro de meu corpo invadido
qual saudade a saudade do desconhecido
vasta de mar e de memória
da caravela que alcanço em mim

parto em vertigem do que sinto
marés de oiro em mares de sons
por onde parto vasto de mim
na longa estação dos sentidos

Barcelos/1983

«amor»

beija-me a manhã
em silêncio outonal...
e afogo-me no orvalho
da paisagem em cálice...

lavo o olhar...
e a paisagem flutua-me irreal
de corpos informes em delírio azul
e de espaço nu em anarquia visual

(faço amor no crepúsculo
com a paisagem de mar em apoteose...)

Abade do Neiva/1983

na tarde bordada de oiro azul
fito o infinito de teu olhar
distendido no seio ondulante
da paisagem banhada de sonho

da nudez líquida de teu corpo
escorre um rio em lágrima de sal
onde lavo a sede infindável
por meus olhos nos teus sorrirem

flui no âmago do infinito
o meu corpo na foz do teu
em sons de mar e cores de silêncio
numa tarde de praia e de amor

1983

«ausência»

súbita a noite...
sobre o espaço se desnua
como um rio em mar aberto
triste de sal e vasto de horizonte

inaudível o anoitecer das coisas
quando a natureza em crepúsculo
se aconchega nas dunas invisíveis
dos meus sentidos líquidos

acendo um cigarro nu
e sopro aspirais de sonho e luz
que se movem e me levam ao colo
até ao cume da montanha sob a lua

aqui onde o rio morre de mar
espraio-me mais do que o horizonte
e estendo o lábio no teu rosto
no súbito calor dum raio de manhã...

15/Agosto/1983

chove sobre o telhado da noite
onde encosto os sentidos
do caleiro caem seguidamente diamantes
que a terra em concha agasalha

à luz ténue que escapa na noite
talvez da lua que levemente se pressente
ou dos meus olhos talvez porque sonham...
os diamantes sorriem em caudal um rio

e a terra ondeia como um imenso oceano
copiosamente infinito por cada diamante
que escorre em sal para a maré de silêncio
da nova faina além do horizonte...

1983

quero dormir sobre o teu corpo
e nele despir-me o meu corpo
quero sonhar em teu ombro
o que o sonho aventura

quero tocar o céu em tua boca
e viajar todas as viagens de teu espaço
e sentir as coisas que não sinto
porque são coisas sem paisagem de ti

quero esculpir o rio
e erguer-me ao vento e bebê-lo
nos teus seios como salgueiros
(água profunda de toda a sede...)

Abade do Neiva/1983

aguarela o arlequim
rosto de menino e lábios de mulher
com sorriso em esboço de onda
e olhos de mar com sede de olhar

entre plumas e sonho o nu
colorido de paisagens brandas
em melodias de silêncio e de outono
imenso seio da seiva do amor

o espaço esvai-se no corpo informe
em vindima rosada de mulher
nudez de menino com lábios de infinito
bebendo o sumo da lua no leito marítimo

(ao deleve o arlequim inventa o amor...)

roubo ao vento o teu rosto
sob a paisagem anoitecida
deixo-me cair no outono
de teu leito infinito

silêncio por todas as paisagens
de verdade em despedida...

1983

**«PÉTALAS DE SAUDADE,
ESPINHOS DE SOLIDÃO»**



*A Salvador Allende, à sua ascensão ao poder
no Chile e ao seu desfecho trágico*

Nasceste poder doirado de madressilva,
numa tardinha,
em canteiro ameaçado pela geada.

Na aurora seguinte, desfilavam,
rumo aos campos, niños e muchachos
ver nascer o centeio verde-amarelinho
dos lábios do nascer-do-Sol.

Regressaram com brilho de Lua Cheia,
do Sol a pino,
ao casebre das figueiras
e beberam leite há anos proibido.

Dias e dias, pelas manhãzinhas,
o centeio crescia dourado
e ainda leite fresco almoçavam os niños.

Na pátria chilena, eram os cantos mineiros
que tingiam o céu de azul.
Na pátria chilena, baladas de marinheiros
de verde tingiam as algas.
Na pátria chilena, o sorriso de alface dos niños
pintava os vales de esmeralda.

Mas botânicos de naturezas cinzentas
importavam joio da América
que debilitava a pátria cereal
e matutina dos meninos

Senhoras de sociedade,
o delicado semblante com pinturas graciosas,
empestavam as «calles» de caçarolas vazias
a reivindicar o leite dos niños
e mais Whisky, mais carne, mais lucros,
para os senhores, seus esposos.

Ah! Que amor à Pátria e à Cruz de Cristo era esse,
que queria descalcificar as crianças?!

Allende, três anos depois,
que nasceste poder doirado de madressilva,
eram peregrinações de niños
fugindo dos campos de joio,
com o canteio a morrer de leucemia,
com lágrimas nos olhos, sem lar,
com a cruz de uma pátria dividida.
Eles, que bebiam leite,
alguns eram agora,
cinza de napalm em Lo Hermida

Mas, Allende, nem um camponês do Chile
regará o joio
e, em breve, todos os niños correrão,
acarinando na mão,
tantos pássaros quantos tem o Chile.

Nascerão pétalas nas olheiras das velhinhas

Barcelos, 7/11/81

Elegia a Jesus Cristo

Em teu coração ardente,
soalheira planície de cravos,
radioso campo de tulipas,
ouvia-se o incomensurável canto
do escravo romano,
o grito humano da terra e das oliveiras.

O teu coração ardente era um idílico lar
dos pobres e dos peregrinos.
Como podia ser apenas escravo e não homem
quem dava à terra sangue e insónias?

Cristo, homem de coração justo
e de todos equidistante
como os raios solares,
onde todos os narcisos são igualmente belos;
Cristo, canto flamengo dos escravos sem pátria,
os que te mataram eram irmãos de sangue
dos que te fizeram Deus.

Teu sangue verteu num clímax de justiça
e ternura humana,
num auge de modéstia.

Não aceites as lágrimas de crocodilo
dos que te odiavam vivo
e, cinicamente, te querem dar um trono
depois da morte.

Cristo não quis ser Deus
para presidir a um calvário
de morte e chacina
dos irmãos dos antigos escravos
por quem sofreu.

Cristo, belas e merecidas
são as tuas ermidas
mas não foram construídas
para defender os teus irmãos.

Pela Páscoa, queremos aldeias
de tapetes floridos
no regaço maternal da Primavera,
queremos crianças a rir
e ceifeiras a cantar de Sol a Sol.
Mas numa homenagem a Cristo,
a Che Guevara e a Bobby Sands.

Cristo, que morreu pelas crianças
descalças e famintas
não queria ser Deus de um mundo
de guerra às árvores, aos rios,
aos homens e às florestas

Barcelos, 17/12/81

O exílio das flores

Aquela tarde não foi de Inverno gelado;
não foi atmosfera de fogo,
de pássaros electrocutados;
aquela tarde não foi canteiro de murtas.
Mas foi o canto de cisne
da permanente madrugada das tílias,
foi o trauma de gladiolos e margaridas
a caminho do exílio.

Aquela tarde não foi o silêncio mortal
dos hinos e das flautas;
não foi namorada
a quem morreu o soldado.
Mas foi menino emigrante
chorando na almofada de amoreiras e silvais
uma Primavera em agonia.

Aquela tarde não foi lago
de assassinio de libelinhas
nem beiral de pombas torturadas.
Mas foi colina de urze solitária,
onde nascia berço na caruma dum pinhal
a saudade.

Aquela tarde não foi, para já,
nem Guernica nem Hiroshima.
Mas, por pouco, aquela tarde
era comuna de Berlim.

Aquela tarde não teve ruas sangrentas
mas toda a cidade era nostálgico manto
de folhas caídas.

Operários, camponeses, jovens,
aquela tarde não sofreu o bacilo de Hitler,
mas, ai de vós, se não semeardes,
em cada passo dorido, uma palmeira,
daquelas palmeiras que abriam
o sorriso confiante
do navegador prestes a partir.

Ah! nunca chegaram a embarcar as caravelas
que todos os dias fazíamos partir
dos nossos olhos...

«Abstracção»

Nos objectos, em horas tristes,
ouço apenas a melodia dos seus conceitos.
Sinto-me no coração da imagem
desta casa que existe em frente
e vejo o cisne e o canto da distância, já ali:
na rua, no lago, na vertente.

Na casa em frente, esteja onde estiver,
vejo apenas a mesma casa,
sem cenário nem geografia.
Sinto-me em face das coisas,
semeadas e a crescer no tempo,
nas ruínas do espaço.
Quando desço esta rua, não a desço.
Apenas desço uma rua,
Porque desceria outra rua qualquer.

Aquela colina e este jardim
não são de si nem de ninguém.
São só o sangue que corre
em todo o jardim e em cada colina.

Sou um ser abstracto,
apenas em movimento,
quando navego na barca do tempo
em rio que não desagua.

Coimbra, s/data/78

Ausência

Mais líricos e belos
são os seres na ausência:
a cada lar, a cada rosto querido
abraça-se a hera da nostalgia.
Dá mais ternura ao manjerico
o aroma da distância.

Mais líricos e meigos
são os olhos de uma mulher
sonhados por entre as folhas
de álamos distantes.

Onde é a pátria em que cada ser
é tão verde como o querem os meus olhos?
Vou fugir dos ventos, das praias, dos bosques
e sonhá-los com mais cores
no arco-íris de outra latitude.

Ah! Gloriosos e indefectivelmente belos
são os queridos jardins e sorrisos
que não regressam nunca.

Maldita é a guerra
mas eu tanto queria
nas manhãs e primaveras de paz,
o heroísmo e a ternura
das canções bélicas.

Vila do Conde, 27/12/81

Metamorfose

A coisa bem ia
Quando à noite se seguia o dia.
O clima era o mesmo para toda a gente.
Mas, de repente, acordei num dia
sem madrugada.

O sol despia-se em ângulo recto
Na fina flor do jardim.
Ah! não vi nunca sol tão alto
Com sombra tão grande!

Bem, o que está dito, está dito.
Podia agora construir uma imagem
e dizer que até aí fui Sol
e, depois, sombra.
Não!

Nunca fui estrela, fui sempre dia
e sou agora um objecto,
sombra de sombra.

— Perguntam-me: — que fazes?
— Em seis anos, sem aurora, vou em busca:
do tempo, de mim, de minha sombra.

Mas, o dilema: ou desisto de mim
e fico sem sombra
ou insisto e não mais a alcanço.

Desse fenómeno, a vítima fui eu:
de leis que lembravam
ao próprio Galileu.

Coimbra, Março/78

«Sensações»

Se eu ainda hoje sentisse
que os meninos são meninos e as flores, flores
para mais ninguém eles seriam tão meninos
e elas tão flores.

Belo é o Sol; as leis de reflexão estão certas,
mas espelhos não haveria:
os meninos veriam seus olhos, nas flores;
as flores, suas pétalas, nos meninos.

Porque são belas as flores e não apenas flores?
Já nem me lembro como as sentia belas.
Hoje sei apenas de cor que são belas as flores.
Nem flores as sinto; sei apenas que são flores
Irmã Natureza, Sol amigo, música amada,
não vos acredito
que nada fiz para vos criar.
Não sinto verdes os campos, azul o céu,
brancos os lírios
porque seria divinamente feliz
ao sentir os campos verdes, o céu azul,
os lírios brancos.

Os verdes campos que daqui vejo,
quem me dera senti-los
na dimensão de campos verdes.
Eu exigia muito de meus olhos
na sua relação com os verdes campos.
Agora, meus olhos não vêem verdes nem campos
os campos verdes.
São olhos apenas por definição
e os campos verdes são apenas onde estão.

Só vejo partir os navios
depois que os navios partiram
e há muito passaram além do horizonte.
Ah! não vejo nunca partir os navios
quando eles partem e quando é de vê-los
Ah! já sei que se eu visse os navios
Partirem quando partem
seria por não ser importante para mim
vê-los partir.

No chão das minhas colinas,
cheira bem o meu rosmaninho.
Mas é longe das minhas colinas
que o meu rosmaninho cheira bem
e as minhas colinas sou eu.
Ah! pobre e apátrida, o meu rosmaninho,
rosmaninho cigano.
Tantas vezes parti e nunca o levei.
Comigo, levei sempre aves sem bico
em poeirentos silvais
e uma saudade abstracta
de regressar beijando o meu rosmaninho.

Parto, sem música, sem abraços,
sem lenços passados a ferro,
parto apenas com as minhas colinas,
fora de mim e para fora de mim
para ir ver-me,
a mim e ao lar da minha pátria.

Ai do jardim renascido
depois das tormentas!
De si fará um deserto
se lhe murchar apenas uma flor.
Ai das manhãs soalheiras
depois da guerra!
Tecem trevas de vingança para si
se pequena nuvem ou pequeno véu
lhes invadir o céu

Barcelos, Junho/1983



CORPO BRANCO EM POESIA VERDE

THE HISTORY OF THE

... ..

... ..

... ..

... ..

Corpus

Entre o meu corpo e o teu corpo
viola-se o corpo teu.
E o gesto mediador das tuas ancas
assola-se pelo interior de mim
e fustiga
e o espasmo ri-se nos olhos
o desejo
o delírio
o querer percorrer-te o dorso
transversalmente
e sugar o fundo do cérebro.
Canibal.

Misturar a palavra e o corpo
fazer o poema.

Que mãos de noite
ultrajaram o silêncio?

Ruína de palavras
sons de boca desfeita
intentos de falsos oradores
desconcerto de fogo e alecrim.

Que mãos de noite
ultrajaram o silêncio?

Só o poeta pode violar
o silêncio!

O poeta é a viagem
com passageiros lá dentro.
Interior de tudo
e do mar.
Programador de sentidos
o outro lado de dentro.

O poeta é o humano
do homem.
Obstáculos de agiotas.
Penetra no caule
até chegar com os pés à garganta.

Há cinco sonhos
que espero
de branco
compreender o mistério
da tua boca grave.

Que holocausto de carne
escondes nos teus dedos?

Inclino o ouvido
à noite
e pressinto a ameaça
de uma revelação de cal.

E o gelo na minha pele
a lembrar-me o verão.
O corpo aceso em neblina
o frio branco de inverno
simbiose de Outono e folhas mansas.

Agora quente
outros trópicos do lado de dentro
do meu desejo.
Rolar por mim acima
e fundir o corpo
até ao limite.

O mar!
Cruzeiro de mim
em ânsias de voo incerto.

Porto de névoa e frio
areias nos comandos de aventura.
Que dolorosa insistência!

Ah!
Ser o mar de todos os continentes
onde todos os rios desaguam
em delta.

A hora limite entre o sono e o sonho
é este sossego impossível.
Cobre-me o tédio cinzento
e tranco os olhos
não há chão aqui.
Voltei na emoção de não haver pedras
só marés e fundo.

Arpejo a dor
e mitigo o futuro
agora verde.

Colorir a dor
de branco
branco claro e branco escuro.
Enrolar os olhos
rir para dentro.

Interrogar o verde
por não ser branco.
Ordenar o branco
para luto geral...

O azul-claro do rio
nos teus olhos
e o desejo de nadar
em ti.

A sedução do afogar-me
nas delícias das tuas margens,
tornar ao leito
por na margem haver pé.

Desvendar a fundura do teu corpo.

Descanso no amanhecer dos teus olhos
como em Afrodite.
Aparto a água de cerejas
rendilhadas nos teus cabelos.
Caio em ti
só espaço nos olhos
Eros e tudo.

Neste fim de tarde
timbrado de sol
e amargo de vento
na tua boca verde há Sábado amanhã.
Possivelmente aí fundiremos
o timbre do sol,
o teu verde,
o meu rubro
(com exclusão do amargo).
Possivelmente aí ainda diremos palavras
e depois das palavras silêncios
(com inclusão do vento que sopra as sementes).

Olhar-te no infinito
das coisas vagas
e redondas.

Distância
de água e amanhã.
Som dormiente
da tua face
cálida.
Prenúncio
de lábios ausentes.

Talvez eu deva olhar-te
onde o rio se curva de sol.
E todas as noites
torno aqui.

O instante é o sol
ao vento
passa a tua boca de luz
agora
penso as narinas hirtas
os aromas leves
cristais de sentidos
perfumados.

Musicar os teus olhos
e não cantá-los.

«UM MAR A BEBER EM VERSO»

a noite esvai-se nos meus passos
como se de ninguém se tratasse
o homem que encontro fala-me
de ruas desertas onde ecoam silêncios

atrás dos meus passos ficam marcas do desespero
empurram-se desilusões que me perseguem
enforcam-se melancolias nos jardins que renas-
[cem
olho e vejo amanhecer na aurora do nascer-
[-do-sol

finalmente a noite alugou as núvens e foi-se no
[vento
uma brisa teimosamente me penteia
largo a inexpressividade que me mascarou du-
[rante horas
e evito o sono sinalizando bocados de beleza
[na respiração
que parece-me sou a memória duma infância
[que me foge da solidão

«língua-expressão»

um prazer me povoa
e me transporta fluente no labirinto
das palavras num poema

palavras de claridade coloridas
e de ternura como ornamentação
no poema desenho de sentidos revestido

as palavras carregam um interior
feito corpo invisível dum pensamento
demasiado importante para que se cale

é o prazer de dizer só elas nos permitem
dizer o segredo que nos alimenta a esperança
em que uma ilusão desiludidos nos encontre

as palavras têm uma verdade que nos roubam
e nelas mentimos nossas verdades
porque em si transportam uma dimensão

a dimensão diversa que a unidade do sentir
pela língua expressão temos por sentida

epitáfio

brilha a morte em cada palavra
ofuscante do nosso pequeno existir
que sei uma nova morte se lavra
naqueles que a vida do sonho vão impedir

morreu alguém com nome já conhecido
o de mortal que na liberdade a prisão
teve por fome o morrer ventre digerido
de cepticismos do poder de grata opressão

uma religião degladiada no seu membro
guerrilheiro duma razão cristianizante
nesta primavera de maio nascido em dezembro

católico republicano duma monarquia
grã regimética parlamentar protestante
e a revolta o diploma prisão política filosofia

com a folha escurecida
por ideias não libertadas
tenho por poética escrita
emoções velhas abandonadas
ao sentido do tempo
entregues no espaço que sou
do inconstante temperamento
que outro pensar ocupou

e vejo-me hoje diferente
límpido na folha escura
de ideias livres poeticamente
já tempo de novo tempo
onde não há outra procura
senão o ocupar o pensamento

desnascer

a queda em harmonia
gotas de silêncio e solidão
carrascos em vento de maresia
a areia louca irada nas vagas

e fúria mansa de oceano
no respirar do horizonte voando
qual noite no colo grávido duma paixão
sem praia adormecendo a sensibilidade
e a memória suicida e desnascer

nesta guerra solitária de que sou a geografia
abunda-me a fonte do desejo da negação
afogo nela cada instante um grito de violência
torno-me o eco duma sensibilidade ferida
que à morte comunica a educação do ser

sinto demasiado com o que penso e sofro
em mim as palavras não divagam como o sonho
um ópio de raiva faz mentir meu silêncio
porque sofrer invade-me de vontade do nada
esta anarquia de sensações onde me disperso

meus dedos são pincéis em percurso
a continentalidade duma erofobia em delta
[navega-me
emirjo teus seios em preguiça que me demora
qual cume contemplativo do vislumbre que
[arrasto

asfixio o contacto em formas nuas
ultrapasso um teu abraço e poiso na tua pele
desde a anca do teu perfil à fuga
no leito de teu ventre em eclipse de emoção
e o delírio duma insatisfação sem cais
em barco a maré do teu corpo nas minhas mãos

tua boca é um horizonte
exposto na ausência de luz
beijando o silêncio dum hálito
até ao contacto apenas existente
no cálice da sede dos sentidos

apenas sublime longevidade
para ver o vento olhar-me
sorrindo ao aspirar a neblina
de teu rosto que se esfuma
sem o silêncio duma paisagem
empurrando-te superfície dum abismo
que calco de dor na tua sombra

esta mágoa antiga
onde navego sem rumo
não abarco dor amiga
só a noite escuto

a maresia de silêncio
e a madrugada no olhar
na leveza dum momento
mergulho uma vaga de ansiar

Ah! quanto perfume
de flores sem jardim
Perece entre o azedume
no que sou da ausência de mim

um manso suor
desce tão meigo
meu perfil mor
de líquido anseio

estou cansado
abraço o horizonte
teu colo alado
no olhar uma ponte

a água meu rosto
espelho em corrente
ávido sentir o sonho
ser algo e gente

o que flui foge
apenas réstias
do que se sofre
me mente em vénias

não aceito elogios
sou pouco sem o universo
nada sem mim e os rios
um mar a beber em verso

POR POVOS E POR PÁTRIAS

Fernando Pinheiro

*«Viva Chile, viva el pueblo, vivan los trabajadores!
Estas son mis últimas palabras, teniendo la certeza
de que el sacrificio no será en vano. Tengo la cer-
teza que, por lo menos, habrá una sanción moral
que castigará la felonía, la cobardía y la traición.»*

Salvador Allende, 11 de Septiembre de 1973

Em louvor do presidente Allende

11 de Setembro de 1973

dia de chumbo a pesar na memória dos homens

desse incrível mar de balbúcios
salvamos sorrisos naufragos de crianças
como se não houvesse uma noite branca
que recusa sepultar Salvador Allende

ouve-se ainda o grito assanhado da terra
por uma facada no ventre úbere de Chile
enquanto se acumula a raiva em nossos nervos
como o serrim nos caibros das velhas carpintarias

tão longinquamente da aridez militar
os trabalha dores cantam na jornada do cobre
e as alvas aves do Chile preparam o guano
para a sementeira de uma nova liberdade

e acima de tudo um sol incapturável
inebria o sonho das favelas oprimidas
também no fundo silicósico das minas
e cresta todos os morrões ao tempo

de nada valem muralhas de balas
quando um povo sente num trago de vinho
todo o sabor insubmisso de uma pátria insultada

estão prenhes de novo as albufeiras da coragem
e uma noite branca recusa sepultar Salvador
[Allende

Vitor Jara
escuta tu esta canção!

canções sem conta
das tuas feridas
companheiro Jara

ouvimo-las nós
e não vós
homens-tarântulas

mil canções cantamos
pelo teu sangue em ponta
camarada Jara

cantámo-las nós
e não vós/bestas-sonâmbulas

**«O vosso pai foi um homem que actua conforme
pensa e, sem dúvida fiel às suas convicções.»**

**Che Guevara, na última carta aos seus filhos
Heldita, Aleidita, Camilo, Célia e Ernesto.**

Canção mínima para Che Guevara

Hoje
não há estrelas no céu!
nem mesmo com telescópios

Hoje
dia 8 de Outubro de 1967
no firmamento apenas a estrela de cinco pontas
da boina terranamente errante de Che Guevara
meteoro brilhante a tombar nas matas bolivianas

Hoje
não há estrelas no céu!
Apenas um revérbero lucilante anulando o véu
[assassino
dos tiranos programados pela virulência déspota

Hoje
apenas um astro total
visível de dentro do peito a olho nú
enfocando a cratera de sangue nas mãos verdugas
onde embateste com a força sideral da órbita
[revolucionária]

Che Guevara!
Teu nome é uma luz doce e permanente
na noite angustiante do nosso tempo
rasgando a sufocante placenta de veneno
para o esplendor de um puro e novo amanhecer

Por isso sentimos na vigília das nossas faces
os ventos alíseos cantarem o triunfo da tua
[antecipada morte]
sobre os terreiros desolados do nosso pranto

Che Guevara!
Salmo nascente da garganta de Iuro
maré de música e dor inundando nossa mágoa
para além da plenitude dos séculos

Hoje
dia 8 de Outubro de 1978!
As estrelas apenas voltam para velarem a tua
[memória
e para escreverem o teu nome numa constelação
[silente

A ti te diremos com balas e fuzis nas palavras
que viremos abraçados ler-te nos astros
para dormirmos serenados com a notícia telú-
[rica
do nascimento de um vulcão na tua campa
germinando lava sepultante para coveiros
da tua presença material

«Tive um sonho em que os filhos dos antigos donos de escravos se sentavam juntos à mesa da fraternidade.»

Martin Luther King

Anti-fábula para Martin Luther King

Certa manhã um negro
(podia ser de Harlem)
descobriu a nascente um sol libertador
brilhando no firmamento branco

Multidões de negros após a boa nova
ergueram suas fronte iluminadas
e caminharam de mãos dadas
para um amanhã sem grilhões

Porém, certo Sam, um branco
(podia ser da 5.^a Avenida)
inquietou-se com o íman dessa luz
unindo duzentos e cinquenta mil em Washington
e quatrocentos mil na praça das Nações Unidas

Sam abeirou-se de um «sorriso estúpido»
e ele empunhou uma carabina, profissionalmente.

Em Memphis, no dia 5 de Abril de 1968
o sol pôs-se ao meio-dia em ponto
para os olhos varados da negritude

Lamento branco para Amílcar Cabral

Pelicano
abrindo seu sangue
aos filhos famintos

(delicada ave
enfrentando sem pavor
os aves de rapina)

Pelicano
abrindo seu sangue
aos filhos famintos

Tel Al Zaatar

Nós cantávamos e ríamos
e não pensávamos em Tel Al Zaatar
jogávamos às cartas como néscios
e esquecíamos tudo o que se passou em Tel
[Al Zaatar

Nós estávamos felizes e contentes
nem sequer o cálice de vinho fino nos faltava
por isso não falávamos de vinte mil
que tombaram para sempre nos campos de Tel
[Al Zaatar

Gozávamos o primeiro domingo de Agosto
e não convinha preocuparmo-nos com Tel Al
[Zaatar

Passeámos juntos pelos novos braços da cidade
e omitimos todo o sofrimento acontecido em
[Tel Al Zaatar

Nós achávamo-nos separados e cada um de nós
meditou e chorou pelos que a traição ceifou
mas naquele domingo juntámo-nos para esque-
[cer Tel Al Zaatar

Como se o sonho morresse também

Silêncio, amigos!
África chora

Deram-lhe a notícia
andava na roça
no imenso cafezal

Sentou-se na terra
tão como ela abismada
e dos braços do mundo
recebeu seu filho morto

Foi assim
numa tarde tão igual a tantas tardes
que África chorou as lágrimas
com todas as ganas de uma boa mãe

O filho aconchegado ao colo oprimido
virou-se a recordar as lutas, as prisões
as torturas, os sonhos
as palavras tão africanas
as paixões
o amor popular
as paixões
o amor popular
de seu humaníssimo filho

e a dor cresceu nela novamente
como por vezes bruscamente
se levanta o vento

Nisto
muitos se juntaram em redor:
eram irmãos e não ousavam falar
compadecidos de África
com seu lenço garrido na cabeça
e pés naturais

mas passado um tempo
comungaram do constrangimento:
«Mãe! Estamos todos mais pobres!»
E olhando-os
África muito amava os filhos vivos:
«Não, meus filhos!
Estais todos mais ricos»
«Como! se a ave recolheu
ao seio do embondeiro
e deixou para sempre de cantar?»
«Todos herdareis o sonho de Agostinho
e vinde depois no mais próximo amanhã
trazer-me frutos da vossa sementeira
que eu acolherei no meu regaço sem algemas»

E todos tinham um brilho denso na testa
e pareciam ofuscados quando baixaram os olhos
para o rosto resplendente de africanidade
de Agostinho, deles irmão
morto

Uma canção repartida para África Negra e Timor Leste

I

Por vezes o pensamento dói como um golpe
se o pensar é África negra
ou Timor-Leste

Não é fácil esquecer Nazónia
ou Wiriamu, por exemplo
mesmo quando se sobe o Nilo
como um nenúfar desprendido
tangido pelas fraldas ténues da monção
e no entanto o mais difícil
é atravessar o coração do homem
onde se estende o maior deserto do mundo:

aí crestam todas as palmeiras do sonho

Apesar de tudo
se a água regressa sempre à água
é de crer também que as pátrias
venham a ser do povo de novo
eternamente

II

No monte Ramelau
acenderam-se de novo as cavernas!
Abelhas silvestres cultivam rosas vermelhas
nos pitorescos balcões da pátria maubere

Quem diria que por um favo livre
essas laboriosas abelhas travam uma luta de
[morte
contra a voragem cega de lagartas invasoras?

Por vezes o pensamento dói

MEMORIMAGENS

Assis R. Tomé

Saudade

Ficaste a norte das
 cataratas do sol
Junto aos montes durienses
 de vinhedos e neve.

Que é do teu olhar cor
 de uvas morenas
Rindo na linguagem do teu rumor?

Em vão me crescem ternuras.
Em vão me suicido todas as manhãs
nas lâminas densas da solidão.

Em vão...

O meu apelo sucumbe
 impotente
Nos milhares de quilómetros
 ao sul do teu corpo.

Luanda, Janeiro/1975

Mãe

Para quê mais poema
se a palavra
é como tu
Minha
e transparente.

Avô

Era a festa da tua idade
— a tua grande e tranquila idade —
e a festa da tua descendência.

Parava tudo mais cedo no coração desse dia.
Havia uma mística renovada
no aroma da refeição
e na alma do fogo da lareira.
As paredes crepitavam calor como nunca
e consolidavam-se as vibrações protectoras
da tua presença antiga e comunicadora.

Era bom respirar o teu aniversário!

Por isso é tão pesado
o teu silêncio
é tão presente a tua ausência
é tão cedo, para a minha saudade,
Avô
habitar sem lágrimas a tua morte.

11/1/78

A máquina!
Acende acelera arranca
Avança.
Ruge tonitroante.
Ouve-se a canção imperial da técnica
— matraquear de válvulas —
e ficamos sujos surdos irritados
...e contaminados
— até queremos uma igual!

Operárias no comboio

mulheres que ontem eram moças
de gestos ágeis, riso fácil,
pele fresca cheirando a frutos,
crochetam agora no comboio
na espera na tarde e ao domingo,
largas de filhos, flácidas
pesando sacos e trabalhos
mas sempre crochetando, crochetando
palavras
e não sei se lã se amargura!

Junho/1983

Aborto

As entranhas dilaceradas
escreveram-te rugas
que jamais se apagarão

Não tens remorsos
tens pena às vezes um olhar triste
horizontal
angústia de dias por agarrar.

Luta, luta companheiro

Há estilhaços feitos de lâminas pesadas
Há rasgões na tua independência bem-amada
Há fardos inúteis no teu saber impigido
e sonhos lindos a serem partidos
e entusiasmos a secarem nas algemas
e espíritos amorfos a serem conduzidos

Que importa?

se eu vejo clarões acesos nos teus olhos
se eu ouço pedras duras na tua voz
se eu vejo cavaleiros de claridade nos
[teus gestos.

Maio/1973

Deram-me a G-3 e chovia.
Explicavam-na como um bem necessário
enquanto as árvores envelheciam
acenando húmidas ao vento.
E, em vez de repulsa
vi centelhas assassinas
refulgir nos rostos interessados.

No Quartel, Outubro/1973

25 Abril — II

Vem meu amor
vem comigo de mãos quentes
viver este dia sem medida

Vem de olhos esvoaçando
nas ruas frescas de liberdade
traz um cravo uma arma outra flor
traz canções de amor e luta
traz a tua alegria o teu corpo

Vem meu pedaço lindo da revolução
que germina e cresce
no chão de quase toda a gente.

25/4/74

Epitáfio para Catarina Eufémia

Esculpida na memória das planícies
habitava-lhe o sangue a energia
que faz as searas crescer;
nas suas sementes de resistência
afiava-se o gume da revolta camponesa
mas, rompendo dos latifundiários inquietos
veio o machado (ou tiro exacto)
têmpera de ódio de cavalo de polícia.

E o Alentejo, Catarina, estremeceu
com a carícia do teu sangue.

14/6/78

25 Abril — IV

Quantos lutadores sofreram e morreram
sem a recompensa de te sentir amanhecer
na alegria de milhões de portugueses

Quantos operários massacrados
camponeses sobrevivendo
Quantos estudantes traídos
Quanta cultura roubada e proibida

Quantos soldados tombaram húmidos de África
de sangue de saudade e de medo
deixando um rasto incurável
de vítimas riscadas do trabalho e da vida
E os africanos tombados na sua gesta de liber-
[tação
e as mãos brancas e pretas chorando em vão
e as noivas que deixaram de o ser
e as que viram os sonhos secarem
nos dias repetindo-se sem memórias de amor

Quanto tempo até que os capitães arrancassem
à história a tua madrugada
a golpes de canções com a coragem das armas
e descobrindo um povo quase inteiro
na idade irresistível
de quebrar as algemas à Liberdade!

Setembro/1978

A morte do motorista dos Transportes Colectivos

Timoneiro no asfalto da civilização urbana
profeta da onnipresença humana
atavas todos os dias ao leme ronceiro
do teu carro rés-do-trânsito
o dormitório à repartição à loja e à fábrica
carregando horas de impaciência e de sono
[inacabado]

Nas horas mais lentas do dia foste o atalho
para o banco dos reformados entardecendo,
ponte do sorriso irreprimível dos namorados
aconchego entre os pais e os filhos da escola.
E no empedrado dos intestinos da cidade
ainda evoluem as sombras técnicas
do volume, ruído e gases do teu carro
ressoando os sonhos e as imprecações
do Porto que se abria à voragem dos teus pneus.

Novembro/1979

ÍNDICE

<i>Sérgio C. Andrade</i> — Percursos	5
<i>Francisco Duarte</i> — Tempo do silêncio.	21
Tempo da vida	29
Para alguém de Abril.	34
<i>Alberto Gomes</i> — «Indícios de mar e silêncio».	37
«indícios de mar»	39
«amor»	41
«ausência»	43
<i>Augusto Lemos</i> — «Pétalas de saudade, espinhos de solidão» .	51
Elegia a Jesus Cristo	53
O exílio das flores	55
«Abstracção»	57
Ausência	58
Metamorfose	59
«Sensações»	51
<i>João J. S. Miranda</i> — Corpo branco em poesia verde . . .	65
Corpus	67
<i>Jorge da Silva Oliveira</i> — «Um mar a beber em verso». . .	81
«lingua-expressão»	84
epitáfio	85
desnascer	87
<i>Fernando Pinheiro</i> — Por povos e por pátrias	95
Em louvor do presidente Allende	97
Vitor Jara escuta esta canção	99
Canção mínima para Che Guevara	100
Anti-fábula para Martin Luther King	103
Lamento branco para Amílcar Cabral	104
Tel Al Zaatar	105
Como se o sonho morresse também	106
Uma canção repartida para África Negra e Timor Leste .	108

<i>Assis R. Tomé — Memorimagens</i>	111
Saudade.	113
Mãe	114
Avô	115
Operárias no comboio	117
Aborto	118
Luta, luta companheiro	119
25 de Abril — II	121
Epitáfio para Catarina Eufémia	122
25 de Abril — IV	123
A morte do motorista dos Transportes Colectivos.	124

biblioteca
municipal
barcelos



12797

Afluentes de liberdade